

“PIXE: EDUCAÇÃO POPULAR DE RUA” - PRÁTICAS EDUCATIVAS DE JOVENS PIXADORAS/RES DA CIDADE DO RECIFE

Maria Clarice de Farias Caminha¹

Sílvia Cristiana de Vasconcelos²

Jaileila de Araújo Menezes³

Resumo

O trabalho objetivou analisar as práticas educativas de jovens pixadoras/es da Cidade do Recife, buscando conhecer as relações desenvolvidas em contextos de educação formal e não formal/informal. Interessou saber: quais os aprendizados desenvolvidos em cada um desses espaços, as mudanças operadas a partir dessas vivências e suas repercussões na vida desses/as jovens. Trata-se de uma pesquisa qualitativa realizada com jovens pixadoras/es através do método de entrevista semi-estruturada. A análise das entrevistas foi pautada em eixos temáticos estabelecidos em atenção aos objetivos específicos. Os resultados indicaram que as/os entrevistados percebem a instituição escolar como espaço de não reconhecimento de sua condição de sujeitos, mas figura em suas vidas como contexto de encontro entre pares e valorizado pelo aprendizado de saberes que acionam para a prática da pixação (matemática, caligrafia). Referenciam a pixação como uma prática social que mudou significativamente suas vidas, contribuindo para seus posicionamentos como sujeitos políticos.

Palavras chaves: Práticas educativas; Juventude; Pixação.

Introdução

A escolha do tema baseou-se em nossa inquietação sobre o discurso negativo construído acerca das intervenções urbanas, sejam elas escritas ou desenhos nos mais variados espaços que frequentamos. Ao andarmos pela cidade, por exemplo, encontramos intervenções (pixações) por toda ela e com significados, que nós como leitores muitas vezes não compreendemos. Essas intervenções, segundo Oliveira “podem ser lidas como comunicações subversivas e de resistência, trazem o inconformismo juvenil com relação ao consumismo, à política institucionalizada, às

¹ Concluinte do Curso de Pedagogia – Centro de Educação (CE) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). m.clarita@yhoo.com.br

² Concluinte do Curso de Pedagogia – Centro de Educação (CE) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). silsilvia666@gmail.com

³ Docente do Departamento de Psicologia e Orientações Educacionais (DPOE) do Centro de Educação (CE) e do Programa de Pós Graduação em Psicologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) – Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Jaileila.araujo@gmail.com

questões ecológicas e à especulação imobiliária; questionam a propriedade privada e os espaços públicos em seus nomadismos juvenis” (2006, p.1).

Outro fato que nos motivou a pesquisar sobre o tema é que muitos dos/as jovens pixadores/as tem uma leitura crítica sobre a sociedade, e seu modo de expressar desejos de mudanças sociais são comumente desqualificados. Historicamente o recurso a inscrições urbanas compõe o campo da ação política, a exemplo das marcas de denúncia e protestos estampadas nos muros do nosso país durante a ditadura militar. Em uma ação estratégica indivíduos e grupos desenvolvem símbolos que só são plenamente traduzíveis entre eles, evitando ser reconhecido pelos demais, embora incomodando justamente pela ousadia de suas práticas de inscrição, geralmente em prédios públicos, paredes limpinhas e lugares inimagináveis de se alcançar.

Diante do imaginário negativo criado em torno da pixação, e buscando conhecer o posicionamento das/dos jovens pixadores acerca da prática do pixe, consideramos importante investigar a pixação como uma prática educativa.

Assumimos como pesquisadoras um olhar positivo sobre essa prática e seus atores sociais.

Os/as sujeitos que praticam essas intervenções urbanas são em sua maioria jovens e em nossa sociedade há uma série de expectativas com relação à vivência dessa assim considerada fase da vida. Uma delas é que eles/elas estejam em processo de escolarização e preparação para a vida profissional. Por outro lado, sabemos que a vida dos/das jovens não se esgota no campo de suas vivências institucionais consagradas, como a família e a escola. Eles/elas circulam no espaço social e também virtual, interagem com diferentes grupos, se apropriam de espaços da cidade inclusive daqueles que não lhe são permitidos⁴.

Entendendo essa diversidade de experiências juvenis e considerando a existência de poucas produções acadêmicas sobre os/as pixadores/as, escutamos esses/as jovens sobre suas práticas educativas, considerando o contexto formal da escola e o contexto informal de suas práticas em torno da pixação. Buscamos compreender como as práticas educativas nesses contextos influenciam a construção das experiências dessas/es jovens pixadoras/es.

⁴ Vide os acontecimentos recentes dos “rolezinhos” em shoppings centers de diversas capitais de nosso país, onde a juventude pobre de periferia ocupou o espaço consagrado ao consumo

O objetivo geral da pesquisa foi investigar os sentidos produzidos, por jovens pixadores/as acerca de suas práticas educativas escolares e no contexto da pixação, e os objetivos específicos foram: identificar a influência das práticas educativas escolares na vida das/os jovens pixadoras/es; identificar os sentidos atribuídos por jovens pixadores/as à prática da pixação e suas possíveis repercussões educativas, além de analisar aspectos de aproximação e distanciamento entre as práticas educativas do contexto escolar e do contexto da pixação.

Destacamos a escolha pelo termo pixação com “x”, tendo em vista adotarmos no trabalho a escrita de acordo com a grafia utilizada pelos próprios pixadores.

Juventude e Práticas educativas

No mundo moderno nos deparamos constantemente com imagens e escritas nos muros e paredes da cidade, “a vida na metrópole contemporânea está cada vez mais agitada e colorida. Os muros, paredes e postes da cidade enchem nossos olhos com mensagens gráficas dos grafites, pichações e stickers” (OLIVEIRA, 2006, p.1). Isso se constitui para alguns um incômodo, “desembelezador” do espaço urbano, um desrespeito ao patrimônio alheio, “considerados atos de vandalismo gratuito contra o ordenamento urbano das cidades” (Moraes, 2006, p.1). De acordo com a legislação brasileira, por meio do artigo 65 da Lei 9.605/1998 (Lei dos crimes ambientais) pichar e grafitar, não autorizados, constituem-se crimes contra o ordenamento urbano e o patrimônio cultural, com pena de detenção de três meses a um ano, e multa, e em seu parágrafo único ressalva que “se o ato for realizado em monumento ou coisa tombada em virtude de seu valor artístico, arqueológico ou histórico a pena é de seis meses a um ano de detenção, e multa”, demonstrando uma intolerância no regimento jurídico de nosso país com relação à pixação e a grafiteagem.

Por outro lado, os significados das pichações mudam de conotação quando estamos em contato com aquelas e aqueles que pixam. Para estes/as sua ação sobre a cidade é uma maneira de falar sobre si, demarcação de território, denúncias, e inconformismos com relação à privatização dos espaços públicos.

Como frutos da vivência cotidiana, essas intervenções urbanas juvenis apresentam-nos formas, cores, texturas, conteúdos, visões de mundo e universos imaginários que compõem esses discursos. Essas manifestações gráficas juvenis tentam retirar o espectador da posição passiva de mero

consumidor; são, antes de tudo, convites ao encontro e ao diálogo; propõem a discussão e a interferência na arquitetura das metrópoles (OLIVEIRA, 2006, p.2).

Nesse sentido é a partir dessa perspectiva que desenvolvemos nosso estudo abordando um grupo juvenil de pixadores/as sobre as práticas educativas em contexto da educação formal (escola) e da educação não formal (prática da pixação). Para discutir as práticas educativas de jovens pixadores, precisamos compreender a ação de pixar como uma forma de ocupar a cidade e se posicionar com relação aos demais grupos existentes nela.

Discutir sobre o sentido da pixação para jovens pixadoras/es também requer uma discussão sobre o ser juvenil, ao falarmos de práticas realizadas predominantemente por jovens, temos que localizar histórico e socialmente esse grupo social.

Sobre a juventude muito se tem dito e construído imagens, principalmente a ideia de uma fase da vida, advindos a partir da “cristalização social das idades da vida como elemento da consciência moderna” (Peralva, 1997, p.16). É na era industrial, que a institucionalização das diferentes fases da vida pela ação do Estado se consolida, tendo a escolarização papel fundamental na categorização da infância e juventude como configuradas ainda hoje (Pereira, 2010).

Em seu texto “O jovem como modelo cultural”, Peralva (1997) traz referências de Arendt e Durkheim sobre educação, demonstrando uma preocupação no campo da sociologia da conservação social através da educação, definindo aí o “lugar no mundo de cada idade da vida” (Peralva, 1997, p. 18). A modernidade institui para a juventude um modelo de participação social enquadrante, onde a escola é o contexto mais valorizado para o desenvolvimento dos requisitos sociais, econômicos e culturais da ordem capitalista.

Sendo assim destina-se um entendimento da juventude como um grupo homogêneo em uma “unidade social” (Bourdieu, Apud Pais, 1990, p. 140,) Ou seja, constrói-se uma imagem da juventude como um grupo formado por interesses comuns em função do critério etário, pertencentes a uma unidade cultural.

Os jovens, diferentemente da retórica homogeneizadora construída sobre a juventude, tem vivências distintas dependendo do grupo social, étnico, dos marcadores de gênero e cultural, que circunscrevem ritos e práticas distantes de um padrão

convencionado do ser jovem, desestabilizam estereótipos e criam formas não convencionais de habitarem os espaços sociais.

Os sujeitos que abordamos em nossa pesquisa, são jovens pixadores/as, majoritariamente pobres e moradores de periferia. Segundo Pereira (2010, p.14) de acordo com Margulis e Urresti, para se pensar as peculiaridades da juventude em relação às outras gerações e às especificidades internas aos diversos modos de vivenciá-las, esses autores trabalham com as noções de moratória social e moratória vital⁵. No que se refere a moratória social, a partir dos séculos XVIII e XIX passa-se a enxergar a juventude como uma camada que detém certos privilégios, trata-se de um período, antes da maturidade biológica e social, marcado por uma maior permissividade que desfrutam alguns jovens, por pertencerem a setores sociais mais favorecidos que podem adiar seu “ingresso na vida adulta” com aumento do tempo de estudo. Essa situação juvenil colabora para o entendimento de que a juventude não é vivenciada da mesma forma pelas/os jovens. Por outro lado, as/os jovens das camadas mais pobres não desfrutam dessa moratória social, haja vista sua entrada no mundo do trabalho e responsabilidades familiares assumidas em virtude das dificuldades financeiras que enfrentam.

A entrada no mercado de trabalho, sem a devida qualificação profissional submete as/os jovens pobres a trabalhos mais precarizados, com pouca estabilidade, baixa remuneração e direitos trabalhistas reduzidos. No aspecto dos acessos à cultura, educação formal, moradia, serviços de saúde, transporte, entre outros, a situação das/dos jovens das camadas econômicas mais pobres também é precarizada em relação ao grupo social da mesma faixa etária pertencentes às classes sociais privilegiadas.

Essa diversidade de maneiras de vivenciar a juventude requer atenção às redes de relação que esses/essas jovens acessam. O grupo que pesquisamos é marcado por diferentes posicionamentos e vivências. Há praticantes da pixação em todas as classes sociais, mas comumente as/os pixadoras/es referem vivências na periferia dos grandes centros urbanos, e a pixação é a forma de registrar sua presença em uma cidade que cada vez mais se “organiza” de modo desigual. Esses jovens - diferentemente dos de classe média e alta que se relacionam com a cidade a partir da ideologia da vida segura (circulam em carros, privilegiam como lugares de lazer o shopping center, boates, etc.) - expõem-se a experiências de circulação com seus pares em transporte coletivo ou mesmo realizando grandes caminhadas. Estudam a cidade para melhor conhecê-la e

⁵ Nesse trabalho não discutiremos a moratória vital.

intervir sobre ela. Essa prática de circulação como método de apropriação da cidade por vezes dialoga com suas experiências educativas escolares, por outras se contrapõe quando se apresenta de modo instigante e posicionando-o como ator social do conhecimento, em oposição ao lugar de subalternidade que comumente ocupam nas práticas educativas escolares.

No contato com a prática da pixação podem inclusive aprender a grafitar, o que os leva a transitar entre essas identidades (pixador e grafiteiro, artista de rua e artista de galeria, artista e/ou ativista).

Como o pixe é muito marginalizado em nosso país, podemos dizer que nos últimos anos, até no campo das políticas públicas, o grafite⁶ tem sido incentivado, o que nos leva a atentar para uma possível apropriação do caráter transgressor tanto do grafite quanto da pixação.

Lassala (2010), traz um panorama sobre as divergências entre grafite e pixação, o principal conflito apontado é com relação a disputa de espaço, normalmente porque as pixações são apagadas e feitos grafites por cima, como forma de “higienização do local”, isso demonstra uma prática política de valorização do grafite em relação à pixação.

Segundo Lassala (2010) não há distinção entre o pixe e o grafite no âmbito internacional, isso é característico do Brasil e mesmo entre os jovens pixadores e grafiteiros não há consenso entre as possibilidades de comunicação dessas duas modalidades de expressão visual.

O que nos interessa acessar é a discussão sobre as possibilidades educativas abertas para os/as jovens pixadores/pixadoras nos espaços de educação formal e não formal, considerando inclusive que a juventude se apresenta como um momento onde outras vivências sociais, para além do contexto familiar, são incentivadas. No presente trabalho assumimos que as práticas educativas não são de domínio exclusivo do contexto escolar, pois se fazem também presentes em diferentes situações cotidianas e são realizadas por outros sujeitos coletivos. Tanto a escola quanto os movimentos sociais, por exemplo, são, a princípio, espaços qualificados para práticas educativas críticas e emancipatórias (CRUZ, 2009; MENEZES, COSTA, FERREIRA, 2010).

⁶ O programa Escola Aberta, por exemplo, oportunizou para jovens estudantes oficinas de grafite, o que significou uma aproximação entre práticas educativas formal e informal.

Jovens em Contexto de Educação Formal e não formal: (des) estabilização das Práticas Educativas

Segundo Juarez Dayrel (2007), podemos dizer que a escola representa um espaço que articula várias dimensões, tem regras próprias e trabalha em uma perspectiva disciplinar. O currículo escolar pouco dialoga com as experiências cotidianas dos jovens, o que, entre outros fatores, gera desinteresse por parte deles de se manter em processo de escolarização. A padronização do ensino cada vez mais voltado para a inserção no mercado de trabalho obstaculiza a vivência de um tempo escolar crítico, reflexivo e contextualizado.

A própria Escola pouco interage e problematiza o espaço urbano que tem tomado formas de acordo com interesses empresariais, gerando cada vez mais desigualdade entre centro e periferia. O questionamento desse aspecto urbano, por exemplo, seria uma forma de relacionar as vivências juvenis na cidade com conteúdos escolares de historização do processo de construção das cidades, entendendo que:

O entorno social imediato tem grande influência na vida social dos sujeitos. As relações que os jovens estabelecem nos espaços das cidades são resultantes de constelação de circunstâncias que definem a conjunção dos efeitos sociais de cada sujeito sobre si mesmo e os outros. (CARRANO, 2003 p.155)

A padronização do currículo – que inviabiliza a atenção à pluralidade cultural - e a sua descontextualização tem sustentado um fazer escolar burocratizante e desinteressante, o que deve ser objeto de reflexão por parte de uma política de educação que almeje a permanência do jovem no espaço escolar. A ênfase no livro didático parece impedir que as histórias sejam recontadas pelos atores sociais do aqui e agora da sala de aula, tamponando a pluralidade dos pontos de vista e invisibilizando narrativas que se distanciam do discurso oficial. A abertura do currículo para outras narrativas deveria ser visto e vivido como procedimento para agregar valor aos saberes e práticas educativas escolares e não como ameaça aos mesmos ou à figura de autoridade docente.

Os contextos educacionais nos quais estamos inseridos desde criança, seja socialmente, politicamente, economicamente é que vão dar significado a nossa subjetividade, a nossa forma de pensar e existir na sociedade. A nossa bagagem cultural é um somatório de espaços frequentados e do que experienciamos nessa diversidade de contextos.

Segundo Dayrel (2007), as práticas culturais aparecem para a juventude como um espaço privilegiado de práticas educativas, com suas representações, símbolos e rituais onde esses jovens procuram demarcar a sua identidade juvenil, de modo autônomo e por vezes antagônico a lógica da instituição familiar, escolar e do trabalho. Os jovens, a exemplo das/os pixadoras/es, criam a sua própria cultura entre os seus grupos buscando diversidade de estilos e ganhando uma visibilidade diante de suas marcas distintas. No caso específico da escola, essa linguagem comunicacional alternativa desenvolvida pelas tribos juvenis, tem pouca adesão no projeto político pedagógico, no currículo, por parte da gestão, o que pode gerar algumas possibilidades: a resistência juvenil à postura autoritária das práticas educativas formais excludentes; o confronto que comumente gera o desligamento do jovem do espaço de escolarização.

Jovens em Contexto de Educação não Formal – a Potência Educativa da Prática da Pixação

A Participação juvenil em contextos de educação não formal é bastante expressiva. A educação não formal acontece sutilmente na vida do ser humano, e o jovem está interligado emocionalmente com experiências de vida que faz parte da sua existência no bairro, na igreja, em grupos com os quais partilha ideias e estilos de vida. A Educação não formal dá oportunidades educacionais variadas para a formação do ser humano, visando uma vida melhor na nossa sociedade, e esse tipo de educação é ampliada no decorrer das nossas vidas, em diferentes espaços que circulamos no nosso cotidiano, que muito acrescenta a nossa formação como ser humano. Segundo Gohn (2006), a educação não formal tem uma finalidade de formar a partir da comunidade uma cultura de maior participação na sociedade, melhorando as relações educacionais, políticas e sociais. A educação não formal é mais flexível que o ensino formal, logicamente por ter visões inovadoras em nossa sociedade, procura através dessas inovações melhorar as relações educacionais.

Muitos jovens que nasceram e viveram boa parte da sua vida nas periferias da cidade experimentam várias dificuldades e as próprias estratégias que elaboram merecem ser pensadas enquanto resultantes de suas práticas educativas cotidianas. No

contexto da educação não formal as diferenças, inclusive culturais, são acolhidas e valorizadas.

O Pixe, como recurso expressivo e tudo que está relacionado à sua prática – os sujeitos, os coletivos, a relação com a cidade, os códigos que serão utilizados, os prédios que serão pixados (escolha do alvo) e o caráter transgressivo em relação aos padrões de beleza urbana, as regras sociais – merece ser pensado como cenário de produção de diferença educativa na vida de jovens (homens e mulheres) que se envolvem com essa prática social marginal.

A Pixação começou nos anos 60, inicialmente como mensagem política e depois continuou com a finalidade de marcar território já na década de 70. Na atualidade a pixação utiliza-se de uma escrita estilizada, faz uso de letras quebradas que dificultam o entendimento para as pessoas que não pertencem a comunidade de pixadores, porém mantém o incômodo dos transeuntes que são cognitiva e emocionalmente deslocados do seu lugar de “conforto”. A pixação, para muitos é uma obra de Arte pelo motivo de incomodar tanto quanto o impacto que uma obra de arte transmite como sentimento para quem interage com a obra. Outros grupos olham a pixação como um forte mecanismo de comunicação. Várias opiniões existem a respeito dessa forma de se relacionar com os espaços nas cidades urbanas, procuramos mostrar essas variedades para deixar claro que além da intencionalidade do ato, a prática tem uma repercussão na vida dos/das jovens, instituindo outros modos de ser e de existir que em alguma medida transgridem o esperado para uma vivência juvenil, mesmo para as formas de protesto mais usuais nas quais esses atores sociais se envolvem.

Encontramos uma correlação na forma de expressão das/os pixadoras/es com a coragem da verdade discutida por Foucault⁷ combinando o estilo de viver com seu discurso. Essa forma de ser é muitas vezes vista como vagabundagem, porém,

⁷ Silva (2012) discutindo o problema do cinismo abordado por Foucault, em “A Coragem da Verdade, o Governo de si e dos outros II” mostra bem que há um cinismo como um escândalo da verdade e de uma relação entre um discurso verdadeiro e um estilo de vida. Foucault fala sobre a figura cínica, como um insolente que transgredir as regras da cidade. Segundo o autor cada um tem que procurar fugir de situações que nos provocam opressão e dominações (in)visíveis. As situações da política cínica são geradas em acontecimentos cotidianos da sociedade, fora dos ambientes formais e normatizados. O autor agrega essa característica do cinismo como um combustível para as mudanças sociais, e diz que o local ideal para os cínicos é a rua, onde eles se revestem de metodologias próprias, para o enfrentamento da vida e das suas dificuldades sociais.

compreendemos que existe um viés cínico na prática da pixação como exercício de dizer a verdade, aprendido e ensinado em contextos onde as relações de confiança, a disposição para o risco e a coragem de produzir um incômodo que pode lhes custar a própria vida, figura como valores que orientam essa prática social.

Metodologia

Escolhemos a perspectiva qualitativa para nos aproximarmos de acontecimentos sociais que julgamos significativos. A pesquisa científica no campo da educação, buscando (re)construir o objeto do conhecimento, deve também ter o caráter de proporcionar a crítica social, desestabilizando concepções hegemônicas circundantes nos espaços sociais legitimados e que são determinantes na construção do imaginário social. A pesquisa qualitativa visa analisar e confrontar os dados obtidos em campo com as nossas teorias apresentadas, ou seja, a hipótese levantada no início do projeto de pesquisa.

Nesse sentido, a partir da discussão realizada por Minayo acerca da abordagem metodológica científica mais indicada para pesquisas sociais aparece a opção pela abordagem qualitativa, haja vista a mesma representar uma melhor contribuição para o conhecimento social.

Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (Minayo, 2010,p.21).

Realizamos entrevistas semiestruturadas, com roteiro direcionado para o atendimento aos objetivos da pesquisa, o roteiro contemplou 03(três) blocos de perguntas assim distribuídas. O primeiro bloco se constituiu por perguntas referentes às relações das/os jovens pixadoras/es com o contexto escolar, o segundo bloco tratou de responder perguntas relacionadas aos sentidos atribuídos pelas/os jovens pixadoras/es à prática da pixação e suas possíveis repercussões educativas, e o terceiro buscou conhecer a relação de aproximação e distanciamento entre as práticas educativas da escola e da pixação.

Como as práticas educativas escolares também é foco de nossa análise, um dos critérios acerca dos entrevistados foi a passagem pela escola, não precisando estar vinculados a ela no momento da realização das entrevistas, mas ter vivenciado essa

experiência em algum momento de suas vidas. Com relação à prática da pixação, buscamos sujeitos que estejam envolvidos a pelo menos 12 meses, por considerarmos esse um período de consolidação de experiências de aprendizado e ensino (transmissão) da técnica para outros jovens.

A escolha dos entrevistados se deu a partir do contato com grupos de pixadores e pixadoras do convívio social das graduandas. Foram realizadas entrevistas com um grupo de 06 (seis) pixadoras/es, 04 (quatro) homens e 02 (duas) mulheres, com idades entre 20 (vinte) e 27 (vinte e sete) anos que estão envolvidos com a prática da pixação há mais de 01 (um) ano.

Todas/os as/os entrevistadas/os concluíram o ensino médio, dos quais, as mulheres estão cursando universidade. Todas/os residem em áreas de periferia do grande Recife e exercem atividades remuneradas nos campos das artes e educação, além de estarem envolvidas/os com movimentos sociais e/ou projetos de articulação cultural independentes. Os sujeitos foram identificados com os próprios tags que assinam as pixações.

A coleta dos dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas, as quais foram gravadas e em seguidas transcritas.

O procedimento de análise começou com o tratamento das entrevistas realizadas, para tanto, construímos um quadro analítico horizontal composto por sete colunas, onde a primeira coluna continha as perguntas, distribuídas e agrupadas de acordo com os eixos temáticos e as seis demais colunas as respostas das/os entrevistadas/os. O quadro analítico contemplou a diversidade de respostas das entrevistas.

Os eixos temáticos foram estabelecidos a partir dos objetivos específicos traçados. O eixo um, elencou as perguntas referentes a relação das/os jovens pixadoras/es com a escola; o dois, os sentidos atribuídos pelas/os jovens pixadoras/es à prática da pixação e suas possíveis repercussões educativas e o eixo três a aproximação e distanciamento entre as práticas da escola e da pixação.

A leitura e interpretação do quadro analítico seguem os três eixos citados acima que nortearam a discussão dos resultados da pesquisa.

Relações dos/as jovens pixadores/as com o contexto escolar.

A partir dos dados coletados nas entrevistas com as/os jovens pixadoras/es, encontramos aspectos positivos e negativos na relação com o contexto escolar. Observamos que a escola contribuiu para desenvolver nos jovens pixadores noções de respeito, igualdade, justiça, além de favorecer a sociabilidade entre eles, no entanto, nas falas analisadas, essa contribuição não aconteceu intencionalmente. Este aprendizado não é percebido como planejado ou construído nas práticas curriculares da escola, mas se realiza nas relações entre os pares, na interação e convivência com colegas dentro do ambiente escolar. Para Dyrell (2007) a sociabilidade juvenil, preferencialmente se desenvolve nos grupos de pares, nos espaços de tempo e lazer, mas os espaços institucionais como a escola ou o ambiente de trabalho, também proporcionam o desenvolvimento da sociabilidade.

Encontramos também a presença do caráter utilitário da escola, em algumas falas a importância do aprendizado da leitura e escrita, bem como operações matemáticas e conhecimento de história e geografia, aparecem como aprendizados importantes para o desenvolvimento social dos indivíduos, inclusive para a prática do pixe, como explica Stillo:

A matemática que você aprende na escola também é o que eu uso mais, você trampa com dinheiro, você trampa com material, você trampa com pinturas de metros, que você vai usar tanta quantidade, tem uma educação básica que realmente é passada e que é importante na minha opinião pra você utilizar na rua ou na verdade complementar na rua.

Além desses conhecimentos funcionais construídos no ambiente escolar, as práticas de discriminação e violência sofridas na escola desenvolveram nos jovens uma visão política e reflexiva, consideradas importantes como aprendizados para a vivência cotidiana em sociedade e entendimento do seu papel social. Por exemplo, na fala de Gabi, quando perguntada sobre a importância da escola na sua formação como ser humano ela afirma: “Foi a reflexão sobre questões de gênero, raça, em virtude da violência e das dificuldades sofridas no ambiente escolar.” Nesse sentido ela nos apresenta um aprendizado construído a partir da experiência negativa proporcionada no contexto escolar, através da violência praticada pelos próprios estudantes e do conjunto de funcionários da escola, que mesmo quando não as praticam diretamente, silenciam

diante delas, não investindo em práticas educativas combativas ao preconceito e a discriminação.

As entrevistas nos trouxeram também uma informação bastante curiosa, pois, para a maioria das/os jovens pixadores o primeiro contato com o pixe aconteceu no espaço escolar, pixando o banheiro e a banca da sala de aula, refletindo no aumento da interação entre eles em torno de emoções semelhantes, influenciando, inclusive no interesse deles em estar na escola. Ratificado essa informação, o estudo de Martins (2010), focalizando marcas deixadas nas carteiras e paredes escolares, nos trazem um encontro com escritos nos mais diversos espaços da escola:

Existem ruídos na escola, manchas de pintura, paredes pintadas, rabiscadas, escritas, desenhadas de várias formas, com materiais de diversos tipos (canetas, pincel atômico, cola, etc). As paredes exibem gritos silenciosos, ameaças, recados, mensagens (...) Os jovens, ao tomarem as paredes como suportes para sua expressão, utilizando-se para tanto os mais variados recursos...reinventam as funções das paredes. Enquanto as paredes defendem intimidade e a propriedade privada, as pichações a transgridem, tomam-na de assalto, colocando-a sob os olhares do público. (Martins, 2010, p.2)

Nessa perspectiva, a escola apesar de se constituir instituição de oposição às práticas de pichação, se confirma enquanto espaço de sociabilidade dos grupos juvenis e trocas de informações grafadas ou desenhadas assimiladas pela juventude, que a partir dessas relações constroem seu processo identitário. Buscando a compreensão de Carrano (2003) sobre identidade, destacamos que:

O processo de identificação ocorre num mundo de complexidade, de possibilidades e de escolhas que se efetivam como adesão ou combate aos constrangimentos a que os sujeitos estão submetidos. O “eu” é relacional e móvel, se redefinindo continuamente como resposta a uma dinâmica social que exige uma multiplicidade de linguagens e relações para a produção das identidades. (Carrano, 2003, p. 124)

Ou seja, mesmo que a escola negue ou rechace as experiências que a juventude traz para seu interior, as relações vivenciadas nesse espaço, sejam negativas ou positivas interferirão na construção da identidade dos indivíduos que a frequentam.

Em relação ao que mais essas/es jovens pixadoras/es gostavam na escola, observamos que a maioria demonstra que o interesse pelo ambiente escolar não estava relacionado à experiência de sala de aula, mas pela oportunidade de encontro com os pares nos espaços de descontração da escola como pátio, quadra de esporte, apresentações artísticas, políticas e culturais.

Importante destacar que a escola funciona como espaço de troca de experiências e vivências, e que as/os entrevistados valorizam o aprendizado sobre respeito construído na relação com os pares, através de suas experiências no cotidiano escolar, proporcionadas pelo currículo oculto. Inclusive foi mencionado pelo entrevistado Shelder a importância da diversidade cultural existente no ambiente escolar, apontando este aspecto como facilitador na aprendizagem de respeito ao próximo.

O role de você se misturar com várias pessoas de criação diferente, é importante, porque a escola, pra qualquer ser, é o primeiro lugar que você tá convivendo com várias pessoas, você sai da família e vai pra escola, e você vai ver outras culturas ali. (Shelder)

Segundo Dayrell e Barbosa (2009, p. 239) “a vida diária, assim como o cotidiano escolar, se desenvolve e se explica por meio dos laços pessoais nas redes pessoais”.

Por outro lado, os aspectos negativos da escola aparecem em maior escala na experiência das/os jovens pixadoras/es. A imposição de regras e normas dentro da escola, bem como a intolerância com relação ao estilo e forma de se vestir dos/as estudantes, obrigando os/as alunos/as a terem um padrão, deixaram marcas de desinteresse por parte dos/as jovens pixadores/as pela instituição escolar, onde eles/elas narraram situações de desigualdade e injustiça, preconceito social, de raça, e gênero que influenciaram negativamente a sua formação humana. Na visão delas/es, a escola deveria ser um espaço de ensino-aprendizagem prazeroso, mas em consequência dessas experiências negativas acabaram se desinteressando pelo contexto escolar.

Alguns entrevistadas/os narraram sobre o distanciamento entre teoria e prática nos conteúdos escolares, observamos uma comparação constante entre a educação escolar e a experiência educativa do campo não formal, como por exemplo, a concretude existente nas aprendizagens realizadas nas experiências da rua. Para elas e eles a rua proporciona conhecimentos imprescindíveis para a convivência humana e ocupação do espaço público. Como informou o entrevistado Carbonel, quando perguntado sobre o que menos gostava da escola: “Das aulas de química que não tinha aula prática”, ao contrário do afirmado sobre as experiências na pixação, onde eles aprendem o lado prático, através das vivências e experiências existentes no cotidiano da rua e na troca entre pares, através da sociabilidade e afinidade em comum com a pixação.

Identificamos nas entrevistas a percepção das/dos pixadores de transgressão de regras e normas com o ato da pixação, mas destacamos como interessante que uma das coisas que mais as/os motiva é justamente a situação de oposição e criticidade às normas impostas. Na fala do entrevistado Carbonel, observamos isso “O que leva um jovem a pixar? é na escola não ter o ensino adequado pra gente e na rua a gente tem o ensino adequado”. A presença de muitas dificuldades na escola com relação ao acesso e ao conhecimento e as burocracias desse espaço, gera um sentimento de rejeição a esse ambiente, em oposição na comunidade existem muitas facilidades na perspectiva das relações sociais e interações entre os pares, bem como acesso a diversas informações e diversidade cultural.

No primeiro momento das entrevistas baseado no contexto escolar, observamos que os entrevistados, jovens pixadores, demonstraram com as suas respostas que a escola não era um espaço muito atrativo para eles, mas com a aproximação do pessoal e da galera do pixe, a escola tomou uma outra dimensão de sociabilidade entre eles com afinidades relacionada ao pixe. Na fala do entrevistado Shellder: “no início não gostava da escola não, mas quando começou a pixar o ambiente escolar ficou mais interessante, cheio de adrenalina”.

Na fala do entrevistado Carbonel “Na escola, porque era forte o movimento de galeras dentro das escolas, mas na verdade eu comecei com o grafite e depois que entrei no grafite conheci a cena do pixe. Eu não queria simplesmente representar minha galera, mas sim começar a denunciar”.

Já que eles eram obrigados a ir a escola, chegando lá eles se agrupavam com seus pares e com atividades que permitiam essa interação, diferente da educação bancária, onde o professor fala e o aluno escuta formalmente num ambiente cheio de regras. Observamos que as/os entrevistadas/os não gostavam do distanciamento entre a teoria e a prática existente na escola, com a pixação eles entendiam melhor essa junção de teoria e prática no momento de pixar. O aluno-pixador não se sente acolhido ao sistema e padrões da escola com suas regras e normas pré estabelecidas que na opinião deles geram injustiças, como as formas de avaliação na escola, exigência de fardamentos, favoritismo, desrespeitando aqueles estudantes que apresentam padrões distintos de comportamentos aos esperados pelo espaço escolar. As marcas da violência escolar presente na fala dos entrevistados são explicitadas independentemente das perguntas abordadas. Na escola os jovens pixadores descreveram que vivenciaram

processos de violência de gênero, raça que contribui na sua formação como ser humano, modificando e ampliando os pensamentos relacionado a essa visão de mundo. A escola proporcionou também, baseado nessa violência, o desenvolvimento da criticidade neles, acarretando um olhar mais reflexivo para as mazelas do mundo.

Em cada momento das entrevistas notamos que esses jovens falam da relação com a escola, destacando vivências de desigualdade, porque não há uma valorização e respeito pela diversidade cultural e da participação juvenil no ambiente escolar.

Com relação aos anseios da juventude, as/os jovens entrevistados compreendem que a escola não desenvolve ações educativas que aproximem ou torne o ambiente escolar mais atrativo para elas/es, todas/os descrevem uma impressão de distância da escola para com a realidade e diversidade juvenil, além de enfatizarem que a escola mantém uma relação autoritária com as/os estudantes. Essa compreensão pode ser evidenciada na fala de Stillo, quando afirma:

Há uma grande distância, a gente vai pro mundo da escola, que já tá lá feitinho, que tem um modelo né? Que você segue, mas a escola não vem pra o mundo do jovem, sabe que tudo influencia, o habitat onde o jovem vive, o lugar que você mora, como, qual é sua estrutura básica familiar, se sua família, seus pais são separados, se é mãe solteira, isso tudo que é uma coisa que é flexível na vida de cada um, menos a escola, a escola é sempre aquele modelo, aquela coisa concreta.

Corroborando o entendimento das/os pixadores sobre a relação da escola com a juventude, Dayrell (2007) discute a expectativa escolar da condição de ser aluno, na medida em que a escola espera determinado comportamento das/os estudantes, de obediência, disciplina, envolvimento com os estudos eficientemente, numa “ótica homogeneizante”. Por outro lado, avalia a tensão vivenciada pela juventude para se constituírem alunos, tanto com relação aos fatores externos, realidade familiar, local onde vivem, condições de sobrevivência, como os internos à escola, infra-estrutura, projeto político-pedagógico, entre outros.

Sentidos atribuídos por jovens pixadores/as à prática da pixação e suas possíveis repercussões educativas;

Observamos que o interesse pelo pixe na maioria das vezes surgiu na escola, em um ambiente formal, mas principalmente devido às relações com os colegas da escola por afinidade, muitos atribuindo o uso do pixe a ser uma válvula de escape, superação de medo e limites, diante de tantos problemas que viviam nesse ambiente institucional,

com destaque para a imposição de regras e a lógica homogeneizante. Nesse sentido destacaram um aprendizado trazido pela prática da pixação: “que tudo que é imposto não tem que ser aceito. Eu penso também que posso ir muito mais longe do que eu imaginava, eu posso ser muito mais visto do que eu pensava (...)” (Stilo).

Segundo Dayrell (2005, p.1) “o jovem torna-se capaz de refletir e de se ver como um indivíduo que participa da sociedade, recebendo e exercendo influências, e este é o momento em que sua inserção social acontece.” A participação social é um aspecto fundamental das vivências juvenis e esperava-se que a escola fosse um significativo espaço para experiências sócio-político-culturais das novas gerações, mas os relatos das/os jovens pixadoras/es dizem de um contexto que invisibiliza a agentividade juvenil, não favorece o diálogo e até teme o contato com as/os jovens, daí dedicar-se ao desenvolvimento de tantos mecanismos punitivos.

A modernidade institui para os jovens um modelo de participação social que enquadra, onde a escola é o contexto mais valorizado para o desenvolvimento dos requisitos sociais, econômicos e culturais da ordem capitalista. O pixe, como recurso expressivo e tudo que está relacionado à sua prática – os sujeitos, os coletivos, a relação com a cidade, os códigos que serão utilizados, os prédios que serão pixados (escolha do alvo) e o caráter transgressivo em relação aos padrões de beleza urbana, as regras sociais – merece ser pensado como cenário de produção educativa de diferença na vida de jovens (homens e mulheres) que se envolvem com essa prática social marginal.

A inserção na prática da pixação é referenciada pela via da transgressão e de uma forma de proceder à crítica social. Na fala de Gabi “O pixe é um vômito na cara da sociedade, marcação de território, visibilidade, é um protesto”. Esse protesto tem como materialidade o desenvolvimento de um aprendizado do contexto escolar: “Primeiro teve a experiência dos cadernos de caligrafia na escola e aí eu comecei a modificar a estética das letras, ai depois comecei a riscar as paredes e quando as pessoas tentavam decifrar isso me encantava, mas a pixação mesmo começou nos ônibus, nos banheiros...” (Shelder).

Sobre o caráter educativo da prática da pixação, temos: “O pixe é uma forma de educação popular de rua” (Carbonel). Um dos sentidos educativos que fica bem claro nas entrevistas é o intuito de mostrar para o público (transeuntes da cidade) que as caligrafias utilizadas na pixação representam um protesto, e esperam que essa

visibilidade colocada nos muros acarrete reflexões, podendo fazer as pessoas refletirem sobre a vida em sociedade, aumentar a criticidade. A intenção é que a pixação, se não ela propriamente dita, mas o incômodo que ela causa, possa levar as pessoas a se questionarem sobre os espaços, as divisões, as formas de organização social que forjamos. Que as pessoas possam experimentar um certo incômodo que é estampado nas paredes por aqueles/as que vivem cotidianamente o desprezo e a discriminação social, ignoradas em seus direitos sociais, como relatou Stilo que teve na pixação uma forma de externar a dor pela morte de sua mãe atingida por uma bala perdida, situação de conflito urbano que marca a vida na periferia.p

A visão que esses jovens constroem sobre o mundo é diferente da de outros jovens que tem garantias estruturais, como maior proteção da família, e padrões econômicos mais favoráveis, segundo Dayrell:

Podemos constatar que a vida da juventude nas camadas populares é dura e difícil: os jovens enfrentam desafios consideráveis. Ao lado da sua condição como jovens, alia-se a da pobreza, numa dupla condição que interfere diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades e sentidos que assumem a vivência juvenil. (2007, p. 1108)

Algumas experiências vivenciadas na periferia podem acarretar danos que, como narrado por Stilo, que perdeu a mãe vítima de bala perdida, afirmou encontrar no pixe uma válvula de escape: “filho de mãe solteira, sem mãe, morando na favela, eu ia ser no mínimo um bandido, que eu não ia chegar nem a 18 anos e aí eu fui pra pixação como minha válvula de escape”, afirmando a prática da pixação como uma experiência positiva e salvadora. Além de Stilo, outro entrevistado, Menor, afirmou que praticando a pixação, ele se afastou do mundo do crime.

Na fala do jovem pixador Stilo: “Então um dos objetivos da pixação é isso, alertar, informar, protestar, e tentar mostrar o que está acontecendo e muita gente finge que não vê.”; “Pixação é um ato de protesto, é um ato poético. Quando você pixa, quem vê sempre absorve, é uma semente, ela nunca volta vazia, ela tá ali, vai germinar uma hora.” (Shelder); “Pra sociedade não é correto, pra mim é uma arte escrita, uma caligrafia urbana, a pixação é o grito silencioso” (Menor). Ressalta-se aqui uma diversidade de sentidos para a pixação que convergem no sentido de uma atividade transgressiva e educativa (apesar e a despeito da lei), pois informa sobre desigualdades sociais vivenciadas por grupos historicamente subalternizados.

Os/as jovens pixadores fizeram questão de ressaltar um certo “estilo de vida” de pixação, onde os aprendizados da/na rua são extremamente valorizados, como noções de respeito que desenvolvem entre si e com os/as outros/as: “Respeito com a pixação do outro” (Gabi). Os/as pixadores/as compõe coletivos, redes de relação e estabelecem práticas de sociabilidade pautadas no compartilhamento de sensações, afinidades e emoções.

Acreditamos que esses jovens pixadores por não se afinarem com padrões e regras impostas na nossa sociedade e nem na escola, encontram novos meios de se relacionar com o mundo e com as pessoas, de uma forma característica própria deles que é transgredir regras, mas que tem um foco educacional, a partir do momento que há uma intencionalidade ética (responsabilidade), estética (criatividade) e política (denúncia) em suas caligrafias urbanas.

Aproximação e distanciamento entre as práticas da escola e da pixação

Analisando as respostas referentes a este eixo temático, encontramos semelhanças e diferenças entre as práticas escolares e a prática da pixação. Sobre as semelhanças foi destacado o aprendizado sobre coletividade, respeito ao próximo e solidariedade, como informa o pixador Stilo:

Tem correlação em algumas coisas, a rua acaba tendo essa mesma coletividade que tem na escola, de pessoas diferentes, na escola é proposto que vc respeite os seus amigos e os seus colegas, já na rua é quase que obrigatório, respeitar e saber o limite das coisas.

As/os jovens pixadoras/es falam muito da relação de solidariedade e respeito, noção de grupo que aprendem tanto na escola (currículo oculto) quanto no pixe. As experiências vivenciadas na rua através da pixação, constroem obrigatoriamente o respeito com o pixe do outro. Na fala do entrevistado Carbonel fica clara essa preocupação e importância desse aprendizado “Então não pode botar por cima de outro pixe, tem aquela onda, então você vai aprendendo algumas regras, algum respeito ao próximo.”

Destacaram também a importância dos conhecimentos escolares como escrita e comunicação para o mundo da pixação. “Muita coisa que aprendi na escola uso na rua, o alfabeto, a escrever, a comunicação” (Shellder).

Por outro lado, com relação ao distanciamento desses conhecimentos, destacamos a importância verificada à pixação sobre o conhecimento e aprendizado da realidade, de vida, enquanto que a escola capacita para o mundo do trabalho, para o futuro, utilizando um currículo silenciador da diversidade cultural existente no universo escolar, desconectado da cultura de parcela significativa de estudantes e de conhecimentos que consideram necessários para a sobrevivência no mundo “real”.

O objetivo da escola foi capacitar para o trampo e tal, já a pixação me fez ver a rua de outra forma, antes eu andava à noite e tinha medo, a pixação pra mim foi mais real. Me ensinaram coisa na escola que não vai se bater no dia a dia, que quando eu for ver aquilo ali, que interesse tem aquilo ali?
(Menor)

Ou ainda como apontado por Stilo: “A escola é a grande aula teórica do conhecimento e a rua é prática, não só do que eu aprendi na escola, mas de outras coisas que eu nunca tinha ouvido falar na minha vida”.

Para Elisa “pixação é vida, escola é uma forma que você tem de se comportar” nessa fala observamos um entendimento sobre a escola, enquanto espaço de imposição de comportamentos, sem dialogar com a/o aluno pixador/a.

Entendemos que a rua, através da prática da pixação é um espaço escolhido por esses jovens através da afinidade entre eles, onde as emoções estabelecidas entre pares corrobora a identidade dos grupos afins. Compreendemos que esses jovens estão no pixe por opção, diferente da escola que eles se sentem obrigados a frequentar por imposição dos pais, da sociedade e de um condicionante social que selecionou a escola como espaço privilegiado do fazer educacional e conseqüentemente reconhecido pelas/os pixadores como espaço que deve ser frequentado para preparar-se para o futuro. No entanto, apresentam uma ideia negativa dos conhecimentos abordados no ambiente escolar. “Eu não descarto, acho que a escola é um lugar onde nossas crianças tem que frequentar mesmo...porém é como eu já havia dito, eu acredito que tem muita informação manipulada” (Shellder)

Tendo em vista a diferença de ideias e posicionamento entre os grupos sociais que atuam na escola e nos espaços não formais de educação (práticas da pixação). Os conhecimentos apreendidos na escola e na prática da pixação divergem quanto à transgressão da ordem estabelecida, enquanto escola, núcleo social de aprendizados de comportamentos padronizados, “busca unificar e delimitar a ação de seus sujeitos”

(Dayrell, 2007, p. 1118), a prática da pixação, surge como transgressão de condutas, seja no ambiente escolar, seja na rua, e conseqüentemente contribuem na reflexão sobre o mundo, seja na busca da adrenalina, marcação de território, ultrapassar limites, denunciar injustiças e desigualdades.

Sendo assim, em suas práticas educativas, as/os jovens pixadoras/es trazem para a escola os conhecimentos de mundo adquiridos na prática da pixação e na relação com os pares, como levam para o mundo conhecimentos escolares selecionados para os desafios cotidianos mais importantes para o seu desenvolvimento pessoal e social. Os contextos educacionais nos quais estão inseridos desde criança, seja socialmente, culturalmente, politicamente, economicamente é que vão dar significado a subjetividade, e a forma de pensar e existir na sociedade. A bagagem cultural é um somatório de espaços frequentados e toda a vivência que esses espaços proporcionam planejados ou não.

Considerações Finais

No decorrer desse artigo procuramos discutir as aprendizagens e os sentidos educativos atribuídos pelas/os jovens pixadoras/es da cidade do Recife aos espaços por elas/eles frequentados, seja no âmbito formal ou não formal de educação. Observamos que muitas de suas experiências se tornam significativas na sociabilidade entre os pares, sendo inclusive, essa socialização imprescindível para tornar o ambiente escolar mais prazeroso. Observamos que muitos desses jovens falam positivamente da escola como espaço de aprendizagem, mas também como um lugar de imposição de regras, normas, injustiças e desigualdades, subalternizando-as/os.

Descobrimos que o pixe para muitos desses jovens começou na escola, com a convivência de amigos por afinidade e como forma também de transgredir regras impostas pela sociedade em geral e pela escola em particular.

A análise feita durante as entrevistas, onde focamos as relações educativas em ambiente formal e não formal, bem como a aproximação e distanciamento entre os conhecimentos que circulam em ambos os espaços, mostrou encontros e divergências, mas que colaboram na construção social e política desses sujeitos.

A pesquisa apontou que a prática do pixação pode ter várias finalidades, para transgredir regras e normas, mostrar pra sociedade um grito de revolta pelos problemas sociais existentes, de denúncia, marcação de território, resistência, afirmação e

identidade, sabendo que cada pessoa pela sua especificidade entende suas práticas de determinada maneira, ou seja, alguns veem o pixe como a liberação da adrenalina, de ultrapassar limites e medos, entre outras opções, mas o mais importante disso tudo é que todas essas práticas não existem de forma isolada, nasce das convivências entre as/os jovens que se relacionam por afinidade.

Por fim, consideramos importante apontar que apesar dessa pesquisa não ter realizado uma discussão de gênero, mas pela presença de duas pixadoras participantes e que em algumas falas destacaram as desigualdades e dificuldades em ser mulher pixadora, consideramos importante, ao longo do texto, destacar gramaticalmente os dois gêneros quando nos referíamos aos sujeitos pesquisadas/os, a fim de ressaltar nossa posição política.

Referências Bibliográficas

CARRANO, Paulo César Rodrigues. *Juventudes e cidades educadoras*. Petropolis, RJ: Vozes, 2003.

CRUZ, J. A. *O movimento social e a escola: da criação passada à invenção necessária*. EccoS: Revista Científica, São Paulo, v. 1, n. 1, 2009.

DAYRELL, Juarez. *A escola “faz as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil*. Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n. 100 – Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em 15 nov. 2013.

_____. *O jovem como sujeito social*. Revista Brasileira de Educação, Belo Horizonte, n 24, p. 40-52, 2003.

_____. Por uma pedagogia da juventude. A escola precisa reconhecer o jovem por trás do aluno e adaptar a ele seus processos educativos. In: *Projeto de Vida – Como os Jovens brasileiros constroem no presente suas perspectivas de futuro*. Revista Onda Jovem, São Paulo, ano 1, número 1, março – junho 2005.

DAYRELL, Juarez; **BARBOSA**, Danile. “Tuma ou panelinha”: a sociabilidade de jovens alunos em uma escola pública. In: **SOARES**, L; **SILVA**, I (Org). *Sujeitos da Educação e processos de sociabilidade - os sentidos da experiência*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. p. 237-268.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*. Ensaio: aval. Pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 14, n.50, p27-38, jan./mar. 2006.

LASSALA, Gustavo. *Pichação não é pixação*. São Paulo, Altamira Editorial, 2010.

MARTINS-UEL, João Batista. *Pichação na escola e a construção da identidade juvenil*.

MENEZES, J.; Costa, M. R.; Ferreira, D. *Escola e movimento hip hop: o campo das possibilidades educativas para a juventude*. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, v.12, n.esp., p.83-106, set. 2010.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org); Deslandes, Suely Ferreira; Cruz Neto, Otávia; Gomes, Romeu. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petropolis; Vozes; 2010..

MORAES, Vinicius Borges. *A pichação e a grafiteagem na óptica do direito penal: delito de dano ou crime ambiental?* Disponível em: <<http://jus.com.br/artigos/8039/a-pichacao-e-a-grafiteagem-na-optica-do-direito-penal>>. Acesso em 07 ago. 2013.

OLIVEIRA, Rita de Cássia Alves. *Lendo a metrópole comunicacional: culturas juvenis, estéticas e práticas políticas*. Revista académica de La federación latinoamericana de facultades de comunicación social. 2006.

PAIS, José Machado. *A construção sociológica da juventude - alguns contributos*. Análise social, p. 139-165, 1990

PERALVA, Angelina, (1997). O jovem como modelo cultural. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, ANPEd, no 5/6.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. *“A maior zoeira”: experiências juvenis na periferia de São Paulo*. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SILVA, Stela Maris. *Michel Foucault: cinismo e arte na perspectiva da estética da existência*. Anais do 7º Seminário de Pesq. em Artes da Faculdade de Artes do Paraná, Curitiba, p. 10-14, jun., 2012.

